

Num pequeno ensaio publicado, não há muitos anos, na revista norte-americana *Profession*, Michael Holquist propôs um incisivo exercício de retrospecção histórica. O texto tinha por título “*Why We Should Remember Philology*”, e nele Holquist recuperava alguns dados relevantes da refundação Moderna – humboldtiana – da Universidade, a instituição que tem vindo a ser conhecida com este nome nos últimos 200 anos. A matrícula de Wolf em Göttingen como *studiosus philologiae*, Kant e a proposta, em Königsberg, de preeminência da faculdade filosófica como crítica permanente das outras faculdades (Teologia, Direito, Medicina) e, enfim, Humboldt – juntamente com Fichte, Scheiermacher, Schelling –, em Berlim, concedendo, por seu turno, supremacia crítica à filologia, “ciência das ciências”. “Sonho” crítico truncado por Napoleão, ao ter determinado quase de imediato a institucionalização desse “sonho”. É neste ponto que Holquist recorda esse momento inaugural e efémero, momento em que teria ficado muito embora uma filologia por cumprir. Permito-me traduzir e citar o seguinte passo do ensaio: “De entre as diferentes definições de filologia que poderia ter escolhido, selecciono a de Wolf e Humboldt. Em primeiro lugar porque se enraiza num passado que pode ser invocado no presente. Estes homens de letras eram visionários que concebiam a filologia não tanto como uma simples profissão, outra forma de preparar a *Geschäftsleute*, mas como uma missão cognitiva e ética. A filologia, do ponto de vista que era o deles, era, ainda, uma missão que exigia um constante exercício. Era sempre relevante, porque a sua consumação era um trabalho interminável, um trabalho nunca acabado. Nunca acabado porque o seu fim último era o de recordar a linguagem. Como a faculdade de filosofia de Kant, a faculdade de filologia é crítica”. Recordar, no acto hermenêutico, a linguagem é talvez o

desafio mais difícil de enfrentar, mas também o mais imperativo, o mais urgente. A faculdade de filologia crítica que ficou por cumprir, e que talvez nenhum futuro possa já trazer à instituição em que Antonio López Eire foi um Mestre – referente incontornável da necessidade de recordar a linguagem, a sua incansável “actualidade da retórica” –, implicava uma bela e exigente criatividade jogada na mais produtiva das despossessões. Criatividade crítica “sem condições” numa Universidade incondicional, para convocar aqui um conhecido ensaio de Jacques Derrida. A geração a que pertenço é aquela a que coube conhecer os “últimos professores”, expressão de um estudo de Frank Donoghue a que Stanley Fish acaba de conceder um curso global. Tive o imenso prazer do convívio cordial e amigo de Antonio López Eire, tive o privilégio académico de conhecer um “último professor”.

Pedro Serra